

ENTREVISTA
//FEVEREIRO



VALTER HUGO MÃE

“TODA A ARTE GUARDA A UTOPIA
DE TRANSFORMAR”

A literatura mudou-lhe a vida. Agora, serão os livros dele a revolucionar tantas outras existências. Depois de *A Desumanização*, Valter Hugo Mãe regressa com *O Paraíso São Os Outros*, uma obra sem maldade nem idade que, entre o pueril e o sábio, nos fala sobre isso que é o Amor. POR RITA LÚCIO MARTINS. FOTOGRAFIA DE PEDRO BETTENCOURT

Há cerca de um ano, Valter Hugo Mãe foi o convidado do programa brasileiro *Roda Viva*. O cenário, só por si, já era intimidante. Um conjunto de especialistas, entre jornalistas de cultura e críticos literários, alinhavam-se num anfiteatro circular com todas as atenções a convergirem para o centro. E lá estava Valter. Sentado numa cadeira giratória, sem qualquer tipo de escudo ou proteção que não a sua inteligência e sentido de humor. Durante mais de uma hora respondeu a todas as perguntas, sem nunca deixar de lado a emoção que todos aqueles especialistas brasileiros tinham testemunhado aquando da sua já quase histórica participação na FLIP – a Festa Literária de Paraty. O escritor terminou a sua intervenção a conter as lágrimas e a emocionar o público, que aplaudia de pé. Um homem também chora. E até canta, se o pedido for esse. E foi mesmo. No final dessa entrevista televisiva, pediram-lhe que cantasse. Ele surpreendeu-se, mas não se escusou. Aclarou a garganta, recostou-se na cadeira e ensaiou um fado.

Há cerca de um mês, Valter visitou a *Máxima*. Estava em Lisboa de passagem, e aproveitamos um furo na agenda para fazer as fotografias que ilustram este artigo. Mal tinha chegado e já eu o estava a desafiar a calçar os sapatos altos do projeto Cem Homens Sem Preconceitos que a *Máxima* tem comunicado nas páginas da revista. Até me tinha munido com os retratos dos homens que já se tinham juntado a nós nesta causa, não fossem necessários outros argumentos para o persuadir. Ele respondeu que não precisava de ver nada: “Acha mesmo que não aceitaria esse desafio na hora?” E lá subiu divertido para cima dos sapatos, regressando instantes depois ao papel do escritor que já inscreveu o seu nome na história da literatura nacional, mas continua humilde, como se não houvesse outro remédio. Os muitos prémios e ecos internacionais da sua obra serão suficientes para testemunhar o seu sucesso, mas aquilo que mais apetece notar são as suas palavras. Certeiras, cuidadas ou, como diriam os brasileiros que tanto o elogiam, gostosas. Seja num livro infantil ou numa conversa suspensa entre o final de um ano e o início de outro e que, não só por isso, terá tanto de balanço como de recomeço. Não fosse ele um escritor que tanto acredita na urgência de prosseguir...

"Ser feio pode ser apenas um problema de quem observa." O comentário inocente é da criança, a narradora de *O Paraíso São Os Outros*, mas a conclusão parece fruto de uma caminhada que só um adulto poderá ter cumprido. A literatura infantil é uma forma de reencontrar a simplicidade nas ideias mais complexas?

Posso entender que sim. Interessa-me cada vez mais o texto como uma oportunidade de luz. Não o digo no sentido da transcendência, digo-o como sinônimo de descoberta, apaziguamento, aceitação do que inevitavelmente somos ou a vida é. Por outro lado, gosto de pensar nos livros e nas suas personagens como momentos extraordinários, o que significa que as crianças dos livros são também ideais. Elas são-no, mas potenciadas. São heroínas. Por isso, podem tudo, inclusive podem ser muito maduras e dizer o que nós, já adultos, levamos a vida para aprender.

De que forma é que o prazer desta escrita – para crianças – se concretiza e traduz?

Importa-me muito a atenção ética. A grande diferença passa por redobarmos uma espécie de policiamento das ideias para que não veiculemos aquilo que deve ser deixado à liberdade, ainda em formação, das crianças. Não gostaria de achar que forço as crianças a acreditar em alguma coisa que não seja simplesmente humana e de profundo respeito. As ideologias devem ser discutidas francamente ou deixadas de fora dos livros para miúdos.

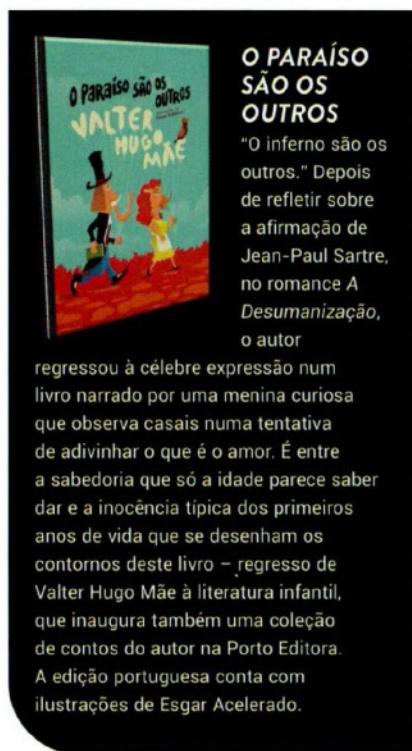
Já disse em tempos que cresceu sem coragem para as crianças. Porquê?

Achava que as crianças eram vidrinhos. Ainda acho um bocado, mas sobretudo no que diz respeito ao cuidado com a formação. Vidrinhos porque tinha medo de não saber pegar no colo, de não saber segurar um biberão, servir uma sopa, agasalhar. Tive sempre tendência para lidar com os meus sobrinhos como se fossem órgãos para transplante, que têm de ser acondicionados, aclimatados e pegados com todo o rigor. Via as minhas irmãs e a minha mãe cuidarem dos meus sobrinhos e ficava impressionado como tudo lhes parecia natural. Para mim, foi uma trabalhadeira e um susto. Apenas mais tarde, com o nascimento dos meus sobrinhos mais pequenos, foi que eu, certamente por estar já perto dos quarenta e menos pasmado com o mundo, descompliquei. As crianças são mais resistentes do que poderia imaginar e percebi que é possível um desajeitado como eu cuidar de alguém.

O Paraíso São Os Outros é mesmo um livro para crianças?

É. O ser também para adultos não lhe retira a ligação com o universo das crianças. É um

livro para toda a gente, incluindo crianças. Quero muito acreditar num tempo em que regressemos a uma maior profundidade e em que esperemos mais das crianças. Para que não sejam simplesmente aniquiladas com superficialidades e passatempos sem motivação cuidadora nenhuma. Lamento muito que tantos meninos e meninas se vejam apenas induzidos a não incomodar. Crescer não pode ser visto como um incômodo. Temos de ganhar uma consciência construtiva e de lucidez para com a oportunidade maravilhosa de ajudarmos alguém a aprender o mundo. **Gosta de ler em voz alta, para sentir o ritmo, a verdade das suas frases. A literatura infantil também permite um tipo diferente de partilha?**



Sou prova de que a literatura muda a vida de alguém. Não o digo imediatamente enquanto autor, digo-o gloriosamente enquanto leitor. Fui ajudado, motivado, ensinado, tantas vezes alegrado, por muitos livros. Em última análise, toda a arte guarda a utopia de transformar. Toda a arte é uma proposta de transformação. O que não propõe uma mudança do mundo não contém arte.

A solidão é uma inevitabilidade mesmo quando (como o livro) a pessoa amada é a solução?

Ah, sim. Amar a todo o custo. Não acredito na solidão como uma opção definitiva. Ela precisa de ser apenas um estágio, talvez para

que saibamos quem somos e o que queremos. Mas quem decide para sempre rejeitar os outros está a rejeitar-se a si mesmo. Porque somos seres coletivos. Somos, até ao mais fundo da nossa identidade, coletivos.

A ideia de paternidade está muito presente na sua obra. Este livro e a sua marca na literatura infantil são, de alguma forma, uma espécie de concretização desse desejo?

Não. Ter filhos é diferente de se ser autor, tio, padrinho, amigo, simpático, sonhador, palerma ou esperançado. Ter filhos é demasiado concreto. Quem tem sabe como é. Quem não tem inventa que entende. Mas não ter filhos não se aldraba com nada. Escrever livros é o modo que arranji para enfrentar o que me maravilha e me agride. Querer ter um filho é maior do que a literatura. É maior do que as decisões que tomamos.

Este livro inaugura uma coleção de contos. E esta coleção de contos inaugura o quê?

Espero que, por se dirigir a todas as idades, possa ser abertamente o meu modo muito particular de gostar das pessoas e de gostar que façamos algo para discutir a beleza e a felicidade possíveis. Uma coleção de contos para a utopia de um mundo melhor.

A tetralogia de minúsculas acabou por marcar o seu estilo, ainda que depois tenha recusado ficar preso a ele. A reinvenção é mais uma obrigação ou uma necessidade?

Talvez seja uma natureza. Não previ ser o escritor que sou. Sou o que sei ser, ou o que posso ser. Tenho uma avidez tremenda pela descoberta de novas formas. Procuro essa capacidade em todas as artes, em todos os artistas. Posso até entender que a arte também se define por essa fratura com o que já foi feito. Não que se suponha uma revolução a cada obra, mas a pretensão de tentar algo pessoal e vinculado a um estilo próprio parece-me essencial.

Sei que não é um grande adepto da investigação, na definição mais jornalística do termo. A intuição é uma das suas ferramentas mais essenciais?

O que penso é que, enquanto autor, me interessa pouco transformar os meus romances em reportagens jornalísticas. A arte é mais intuitiva e a informação que privilegia é tendencialmente universal. Claro que me interessa investigar, ponderar, estudar, mas nunca permitiria que os meus livros se transformassem em repositórios de citações, como são a maioria das teses académicas que lemos. É importante que o autor se pronuncie pela sua própria voz. Essa é substancialmente intuitiva e impossível de conter.

Diria que é um traço mais feminino? Tem que ver



com a proximidade com as suas irmãs?

Não. Reclamo o meu direito de homem à intuição. Os homens podem ser profundamente intuitivos e as mulheres, por seu lado, também se distraem muitas vezes. De todo o modo, a presença da minha mãe e das minhas duas irmãs foi decisiva para que seja hoje uma espécie de feminista. Sempre me impressionaram as razões das mulheres e pude reconhecer muito cedo o modo mais secamente predador dos homens. Não nos vamos livrar disso.

Foi distinguido com importantes prémios em Portugal e no Brasil. Saramago considerou-o uma espécie de tsunami literário. Quando participou na Festa Literária Internacional de Paraty, os presentes assistiram a uma avalanche emocional. Em algum momento, sentiu que a (auto)superação seria difícil?

Sinto isso desde pequeno porque nunca me convenci de nada. Cada elogio é uma graça

que procuro entender e, depois, merecer. Não se fazem escritores pelo público. O público pode ser o resultado da equação, mas não é a equação. O escritor é sempre uma espécie de gente só que acredita apenas na urgência de prosseguir. Não há superação possível. Há gratidão profunda pelo público e o regresso à boa angústia criativa de sempre.

A consensualidade em torno de si ou da sua obra é importante, é um objetivo? É sequer desejável?

Não. Há gente que me odeia. Ou que odeia o que escrevo. Já me desejaram a morte no meu dia de aniversário. Enfim. Mas isso talvez não seja um problema que as pessoas têm comigo. Será um problema que terão com elas. Mas sou, eventualmente, dos autores mais acarinados do país. No sentido em que as pessoas são mesmo simpáticas comigo. Isso comove-me. Motiva-me. Acho o amor uma inteligência e o ódio uma burrice. Comove-me o afeto. Procuro retribuir.

Quem são as grandes referências na sua vida?

Gente da minha família. Escritores, como Kafka ou Pessoa. Pintores, como Goya ou Bacon. Muitas figuras da música, como Bach ou Billie Holiday. Lugares, que também representam gente que admiro. De Vila do Conde a Paços de Ferreira, dos Açores à Islândia, Brasil ou Japão.

Ainda vive nas Caxinas?

Sim. Ainda estou no grande corpo das Caxinas. Sinto-me aqui em casa. Não prevejo que mude para longe. Vim para cá com nove anos de idade. Por mais que muita gente me queira considerar um visitante, tenho 43 anos e troquei todas as oportunidades para viver no Porto, Lisboa, Londres, São Paulo ou Reiquiavique por continuar aqui. Eu sei de onde sou. Pudessem os outros saber também de onde são com a mesma convicção que tenho eu.

Em *A Desumanização* sentiu pela primeira vez a necessidade de sair. Porquê?

Quis perspetivar o mundo a partir de referências distintas. Colocar em perigo as minhas metáforas culturais e procurar entender como as outras pessoas se diferenciam. Os fiordes islandeses são um dos lugares mais recônditos da ilha. Implicam disciplina mental e engenho. Impressionam pela beleza e pela exigência. Só tenho paciência para personagens que enfrentem os seus limites.

Move-se em diferentes áreas artísticas – da literatura à música, passando pelo desenho. Apresenta um programa no Porto Canal. Trata-se de oportunidades que surgem ou de uma tentativa de viver várias vidas ao mesmo tempo?

Algumas pessoas julgam que posso fazer tudo. Convidam-me. Como sou educado, e não as quero frustrar, aceito e procuro não humilhar ninguém. Não vejo porque nos tenhamos de excluir de determinadas experiências. A vida é uma e abdicarmos do que nos pode trazer aventura e alegria é uma pobreza que o decoro não merece. Com cuidado, sim, acho que devemos deitar mão do que nos é proposto e multiplicar quem somos.

"Sou um deslustrado, mas depois entristeço muito com a realidade." A frase é sua. Mantém-se atual?

Sim. Infelizmente. Não assassinaram os jornalistas do *Charlie Hebdo*? Não morreram pessoas à espera nas urgências dos hospitais portugueses? Que é desta gente dos bancos e das políticas que nos devora? A realidade é para lutas. O mundo, hoje, deveria estar preparado para deleites.

Aos 43 anos acredita que *O Paraíso São Os Outros*?

Se não forem, lamento, não há paraíso. ▢